

ANUNCIE NA HORTIFRUTI BRASIL



Aqui o investimento da

sua empresa

rende

LANÇAMENTO:
Confira os módulos criativos
na Matéria de Capa desta
edição

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso
Especial

1.74, 18.05/18-7/2001-DR/SPI
Fundação de Estudos
Agrários Luiz de Queiroz

... CORREIOS ...



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Caixa Postal 329 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfbrazil@esalq.usp.br

IMPRESSO

Hortifruti **Brasil**

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 6 - Nº 65 - Janeiro/Fevereiro de 2008 - ISSN 1981-1837

DESMISTIFICANDO A MÃO-DE-OBRA FEMININA

Elas já são preferidas em
alguns setores da hortifruticultura,
mas ainda falta reconhecimento



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfrasil

Com Focus® WP você sabe o que vai encontrar na sua plantação.

eficácia
potência
tranquilidade
rentabilidade
resultado

Focus® WP

INSETICIDA

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receita agrônoma

PRATIQUE O MANEJO INTEGRADO

0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

Foco no resultado: produtor satisfeito, lavoura mais produtiva

Focus® WP é o inseticida eficaz contra Mosca Branca Neonicotinóide de última geração Focus® WP é BASF*

BASF

The Chemical Company

RECONHECIMENTO DO SEU TRABALHO: UM DIREITO DE TODOS!



A *Matéria de Capa* desta edição é de autoria de Mônica Georgino.

Uma palavra que resume a primeira edição de 2008 da **Hortifruti Brasil** é **reconhecimento**. O **reconhecimento** à força de trabalho feminina no mercado rural é o ponto principal de debate da *Matéria de Capa* desta edição. A mulher tem ganhado mais espaço em alguns setores agrícolas. No caso de uva no Nordeste e no cultivo de algumas hortaliças, a mão-de-obra feminina já é maioria. Esse avanço é resultado do reconhecimento de qualidades da mulher para o trabalho, como a delicadeza.

Mas ainda há muitas barreiras para a atuação da mulher em outros setores da

agricultura, como no de banana e citros. Na pesquisa da **Hortifruti Brasil** divulgada na *Matéria de Capa* desta edição, as principais dificuldades citadas pelos entrevistados foram a menor força física da mulher em relação ao homem e a baixa oferta de mão-de-obra feminina na área rural. O terceiro ponto mais citado pelos entrevistados para a não contratação de mulher foi a “questão cultural” (machismo). Esse pensamento ainda limita o número de vagas para mulheres em atividades onde se lidam com máquinas e equipamentos – tratores, por exemplo.

Outro ponto importante de discussão é o trabalho feminino “informal” (não remunerado) no meio rural, realizado pelas filhas e esposas dos proprietários rurais. Muitas delas assumem papéis relevantes nas atividades fins ou na gerência da propriedade; muitas são responsáveis, por exemplo, pela contabilidade da fazenda. No entanto, ainda há casos em que a própria família não reconhece essas atribuições como uma função, vendo-as apenas como “ajuda”. Esse é um ponto que deve ser mais bem

discutido e será, futuramente, tema de outra edição da **Hortifruti Brasil**.

E por falar em **reconhecimento**, os textos publicados na **Hortifruti Brasil** estão sendo reproduzidos em vários meios de comunicação sem a devida citação do nome da publicação e dos autores. Há casos também em que a fonte é citada, mas a informação acaba sendo produzida de forma incorreta. Esse tipo de atitude demonstra a falta de profissionalismo de alguns jornais, *sites* e revistas, além de ser um grande desrespeito ao trabalho dos autores. Com o objetivo de reduzir o número de citações incorretas de nossas pesquisas e sem fonte, a partir de fevereiro, a reprodução dos textos publicados pela **Hortifruti Brasil** só será permitida com a autorização dos editores. O nosso objetivo não é limitar a reprodução das nossas pesquisas, mas sim, fomentar a divulgação correta, para que os leitores possam confiar no veículo que acessam. A **Hortifruti Brasil** vai autorizar todas as solicitações recebidas, desde que **reconhecido** o trabalho dos nossos autores.

VENUS

- Planta Robusta
- Menor custo de produção

Menor custo e qualidade, frutos de um bom investimento.



TRADIÇÃO EM ITALIANOS!

A Eagle traz toda a linha de sementes para o seu negócio.

Eagle Comércio de Sementes Ltda | Telefone: 34 3217 - 3110 | eaglesementes@eaglesementes.com.br



NETUNO



PLUTÃO



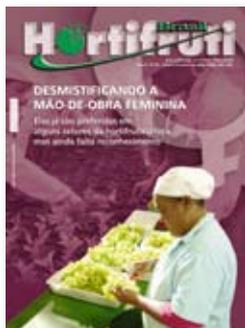
SATURNO



KÁTIA



CAPA



06

O mercado de trabalho rural para as mulheres aumentou em alguns setores, contudo, muitas ainda são pouco valorizadas.

FÓRUM

24

Três mulheres falam sobre as condições do trabalho feminino na hortifruticultura.

SEÇÕES



14

CEBOLA



18

MAMÃO



21

BANANA



15

BATATA



19

MELÃO



22

MANGA



16

TOMATE



20

CITROS



23

UVA

COMUNICADO

A **DuPont** está promovendo uma mudança na oferta de produtos de sua unidade de Soluções Químicas. Desde setembro do ano anterior, o dióxido de cloro Anthium Dioxide® não está mais sendo comercializado pela companhia no Brasil. Presente no País há cerca de três anos, o produto era bastante utilizado para limpeza e desinfecção em diversas indústrias e aplicações.

DuPont Soluções Químicas

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do
CEPEA - Centro de Estudos Avançados em
Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:

Margarete Boteon

Editora Econômica:

Aline Vitti

Editora Executiva:

Rafaela Cristina da Silva MTB: 48.363

Diretora Financeira:

Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:

Alessandra da Paz, Daiana Braga e Paola
Garcia Ribeiro

Equipe Técnica:

Álvaro Legnaro, Ana Luisa Ferreira de
Melo, Daiana Braga, Larissa Gui Pagliuca,
Lilian Cabral Missura, Luciana Okazaki,
Maíra Paes Lacerda, Marina Isac Macedo,
Margarete Boteon, Mayra Monteiro Viana,
Mônica Georgino, Rachel Armani de Paiva e
Renata Pozelli Sabio.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz
de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:

Mundo Digital Gráfica e Editora

Contato:

C.Postal 329 - 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829

hfbrazil@esalq.usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrazil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao
Cepea.

A reprodução dos textos publicados
pela revista só será permitida com a
autorização dos editores.

ESCREVA PARA NÓS

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil

Caixa Postal 329 - Piracicaba/SP

CEP: 13416-000

hfbrazil@esalq.usp.br

HORTIFRUTI BRASIL ON-LINE



Para receber a versão on-line da **Hortifruti Brasil**, basta se cadastrar:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrazil

ERRAMOS

Na tabela de *Estatística de Oferta* da Flórida da seção *Citros* no **Anuário 2007-2008** (pág.29), o termo correto para **Produtividade** é **cx/pé** e para **Pés em Produção** é **milhões de árvores**.



Inflação da batata?

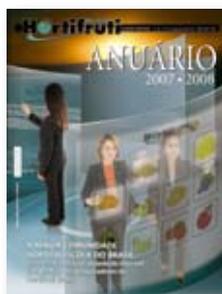
Li a projeção sobre o mercado de batata no **Anuário 2007*2008**. Estou com receio quanto à questão da inflação nesse item, que foi de 68,63%

a.a. em 2007, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Algumas séries como área plantada, tamanho da safra e lucro do produtor seriam interessantes para melhorar nossos cálculos estatísticos. Seria possível ter acesso a alguma série histórica desse tipo? No **Anuário**, por exemplo, são apresentadas as áreas plantadas apenas para 2006 e 2007.

André Simões - Credit Suisse (Brasil)

andre.simoies@credit-suisse.com

As séries de área de batata coletadas pelos pesquisadores do projeto (desde 2003) podem ser obtidas nas edições de dezembro da **Hortifruti Brasil**, disponíveis no site da publicação (<http://cepea.esalq.usp.br/hfbrazil>). Quanto ao preço do tubérculo, a elevação registrada a partir de março/abril de 2007 deve-se à redução da área de plantio, decorrente da descapitalização do ano anterior, por conta do excesso de oferta. Entre janeiro e março de 2008, o preço da batata deve continuar maior que o registrado no primeiro trimestre de 2007. Já de abril a setembro, o preço, provavelmente, será menor em comparação com o do mesmo período do ano anterior (se as condições climáticas não reduzirem a produtividade), pois a expectativa é de aumento de área, devido à maior capitalização em 2007. Assim, há uma grande probabilidade de o preço da batata não afetar o índice de inflação a partir de março deste ano.



Parabéns pelo Anuário

Vocês conseguiram aprimorar muito a revista este ano e dar uma contribuição relevante para a modernização dos produtores e propriedades

rurais. Matérias como custo, gestão de pessoal e outras nessa linha são necessárias à manutenção da competitividade. Uma fazenda é, no fim, uma indústria a céu aberto, sujeita a intempéries. E deve ser administrada como tal. Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Ademerval Garcia

agarcia@abecitrus.com.br

Gostaria de desejar a toda equipe da **Hortifruti Brasil** um 2008 cheio de realizações, com muita paz e alegria. Aproveito para parabenizar o trabalho ímpar que a equipe tem desenvolvido no sentido de aprimorar o mercado hortifrutícola através das informações mensais publicadas.

Takashi - Hortmax

takashi@hortmax.com.br

Ao ver a edição **Anuário 2007*2008** da **Hortifruti Brasil** não pude resistir em escrever-lhes. Com grande satisfação vejo a qualidade da publicação; ótimo conteúdo, linguagem clara e diagramação excelente. Fico orgulhoso de ter feito parte desse projeto e participado do sucesso que ele alcançou.

Marcel Moreira Pinto

marcelmoreira@agricultura.gov.br

Como sempre, o **Anuário** da **Hortifruti Brasil** ficou muito bom. Quando fazia parte do projeto, adorava fazer essa edição. Tempos bons.

Margarita Mello

margarita.mello@agrafnp.com.br

Obrigado por todos os votos de Feliz Ano Novo e dos elogios pelo **Anuário 2007*2008**. Espero contar com vocês também neste ano. Para 2008, o objetivo é aprimorar ainda mais a **Hortifruti Brasil**, por isso, continuem enviando suas sugestões, críticas e opiniões. Elas são muito importantes para o projeto.

DESMISTIFICANDO A MÃO-DE-OBRA

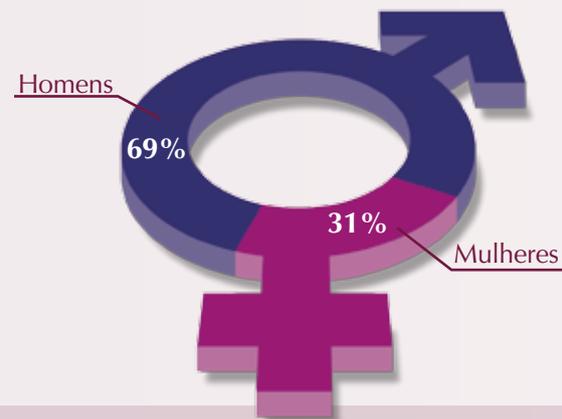
ELAS JÁ SÃO PREFERIDAS EM ALGUNS SETORES DA HORTIFRUTICULTURA, MAS AINDA FALTA RECONHECIMENTO

Por Mônica Georgino

Uma frase muito dita neste século é “as mulheres vão dominar o mundo”. Esse não é o objetivo, claro, mas é certo que o sexo, dito, “frágil” vem conquistando espaço no mercado de trabalho. Na hortifruticultura, isso não é diferente. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) de 2006, mais de 70% da força de trabalho na cadeia de uva no Nordeste é feminina. No cultivo de batata, tomate e cebola, considerando as regiões Norte, Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a força de trabalho feminina já passava de 50% naquele ano.

MULHERES REPRESENTAM 1/3 DA FORÇA DE TRABALHO NA AGRICULTURA

Divisão da mão-de-obra agrícola



OS SETORES DE UVA E HORTALIÇAS SÃO OS QUE MAIS EMPREGAM MÃO-DE-OBRA

	Norte	
	Homens	Mulheres
Cultivo de uva	-	-
Cultivo de hortaliças, legumes e outros produtos da horticultura (cebola, tomate - mesa)	43%	57%
Cultivo de outros produtos de lavoura temporária (batata, melão, tomate - industrial)	69%	31%
Cultivo de outros produtos de lavoura permanente (mamão, manga)	68%	32%
Cultivo de banana	77%	23%
Cultivo de frutas cítricas	-	-

Fonte: Elaborado por Guilherme Jacob Miqueleto com base nos dados da PNAD/IBGE 2006

FEMININA

Mas há setores em que o avanço da participação da mulher não é tendência. Nas culturas permanentes, como mamão, melão e manga, a mão-de-obra feminina corresponde a pouco mais de 30%. E em setores como o de banana e o de citros, a contratação de mulher é menor do que a da agricultura em geral, onde 2/3 dos trabalhadores são homens, segundo a PNAD/IBGE. Por região, o Sudeste do País é o que menos emprega a mão-de-obra feminina na hortifruticultura, pois há maior oferta de emprego para as mulheres em outras atividades, como indústrias e serviços. Em contrapartida, o Sul e o Nordeste são os que mais empregam mulheres no setor hortifrutícola.



No Nordeste, sobretudo nas casas de embalagem, a mão-de-obra feminina é muito demandada pelo fato de a mulher ser mais cuidadosa no manuseio da fruta.

FEMININA

Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
30%	70%	-	-	65%	35%	-	-
65%	35%	44%	56%	41%	59%	44%	56%
68%	32%	63%	37%	65%	35%	89%	11%
74%	26%	82%	18%	66%	34%	-	-
76%	24%	86%	14%	72%	28%	-	-
79%	21%	85%	15%	-	-	-	-

A reprodução desta Matéria de Capa só será permitida com a autorização dos editores.

HISTÓRICO DA MÃO-DE-OBRA FEMININA NA AGRICULTURA

No decorrer da história, a mulher ocupou diferentes papéis no setor agrícola, segundo a pesquisadora Maria Cecília Gonçalves Moreira, autora da dissertação “A Violência entre Parceiros Íntimos: O Difícil Processo de Ruptura” (PUC-RJ, dezembro de 2005). Quando a atividade humana concentrava-se na produção agrícola, a figura feminina simbolizava a fertilidade dos campos e das lavouras – Deusa Ceres. O papel dela era destacado, embora não fossem detentoras de mais poder que os homens.

No Brasil, antes da chegada dos europeus e mesmo posteriormente à vinda dos negros africanos, a divisão dos trabalhos na produção agrícola entre homens e mulheres era considerada igualitária. Além de a mulher exercer suas responsabilidades dentro da casa, ela também era responsável pela produção de alimentos. Muitos homens dessas sociedades cuidavam da caça e da pesca.

A diferenciação dos sexos no trabalho na lavoura começou por influência européia, com a instalação da Corte Real portuguesa no Brasil em 1808. Nesse período na Europa, a mulher não trabalhava no campo. Suas funções eram cuidar da

casa e dos filhos. Com isso, surgiram novos modelos de comportamento masculino e feminino em toda a sociedade brasileira, atingindo as mulheres que trabalhavam na roça.

De acordo com a cientista social Anita Brumer, em entrevista concedida aos jornalistas Rodolfo Lobato da Costa e Marcos Marques de Oliveira, do Instituto Souza Cruz, em 05 de março de 2007, para a reportagem “Os desafios da mulher no campo”,

“a preocupação com a igualdade de gênero no meio rural, no Brasil, surgiu em meados dos anos 1980, com a demanda pelo direito de aposentadoria para as mulheres trabalhadoras rurais inseridas na agricultura familiar”.

Nas décadas recentes, mesmo com a crescente qualificação da mulher e participação no mercado de trabalho, o homem é tido,

em grande parte dos lares, como o responsável pelo sustento e chefia da família. Na agricultura, ele também é o principal tomador de decisões, o dono da terra. Já as tarefas e os afazeres domésticos seguem atribuídos à mulher. Na agricultura de subsistência, segundo a pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Lígia Albuquerque de Melo, o trabalho das mulheres no meio rural ainda é visto apenas como “ajuda”; elas não recebem a classificação de produtoras – no artigo “Injustiças de Gênero: O Trabalho da Mulher na Agricultura Familiar”, apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, de 4 a 8 de novembro de 2002.

A idéia de que a mulher não faz parte do processo de trabalho na agricultura familiar não é apenas dos homens, é também das próprias mulheres, segundo Lígia, o que dificulta ainda mais a superação do preconceito. De acordo com o trabalho da pesquisadora, o Programa oficial de Emergência de Seca de 1998 no Nordeste também preteriu a produtora rural. Como os projetos implantados nas secas anteriores, este não contemplou igualmente os produtores e as produtoras da agricultura familiar.

A idéia de que a mulher não faz parte do processo de trabalho na agricultura familiar não é apenas dos homens, é também das próprias mulheres.



Na horticultura, a habilidade das mulheres é muito requisitada para a produção e o manuseio de mudas.



Para combater pragas,
doenças e até as dúvidas
que prejudicam a lavoura.

**BASE
FORTE**

Um grande número de pragas e doenças com alto poder destrutivo e alimentos consumidos *in natura* fazem das culturas de hortifruti um desafio para o produtor na hora de decidir o tratamento ideal e garantir a qualidade que o mercado exige. Para facilitar essa decisão, a Syngenta criou Base Forte, tratamentos completos, simples e eficazes para se obter uma lavoura sadia e mais produtiva.

Fale com seu distribuidor Syngenta ou consulte o site www.syngenta.com.br/hortifruti e saiba mais sobre o Base Forte.



C.a.S.a.



CENTRO ASSISTENCIAL TÉCNICO DE AGRICULTORES
DÚVIDAS - SUGESTÕES - EMERGENCIAS
0800 704 4304

syngenta.

www.syngenta.com.br

MULHERES AINDA GANHAM MENOS

O fato de a mulher já ser mais requisitada em alguns setores da agricultura ainda não refletiu em igualdade salarial entre os gêneros. A trabalhadora rural recebe uma remuneração cerca de 35% inferior ao salário médio do homem (englobando todas as atividades), segundo a PNAD/IBGE (2006).

Outro número que evidencia a diferença salarial é que mais de 60% das trabalhadoras dos setores de caça, pesca e florestais não são remuneradas. Pelo fato de a mão-de-obra na maior parte ser familiar, elas acabam trabalhando na lavoura da família sem receber por isso (PNAD/IBGE, 2000). Com os homens, esse número cai para 26,37%. A explicação para a desigualdade é que a informação referente à mão-de-obra feminina inclui o trabalho das filhas e esposas de proprietários rurais, as quais não são remuneradas diretamente.

E O SALÁRIO Ó!

Salário Médio mensal na agricultura*

Homens

R\$ **444,74**



Mulheres

R\$ **288,82**



*Segundo a PNAD, o rendimento é definido como a renda obtida através da ocupação principal no mês de referência.

Fonte: PNAD/IBGE (2006)

ANUNCIE NA HORTIFRUTI BRASIL

Conteúdo exclusivo

Conteúdo de elevada qualidade produzido por pesquisadores do Cepea/Esalq com exclusividade para a Hortifruti Brasil



Citros (Maio)

Tomate (Junho)

Batata (Outubro)

Anuário (Dezembro)



Todo mês, 1 página de análise econômica por fruta/hortaliça

Mais informações:

hfbrasil@esalq.usp.br

19 3429.8808

“ELAS NÃO PASSAM VENENO NEM CARREGAM CAIXA DEVIDO AO TRABALHO SER MAIS PESADO”

O número de trabalhadoras rurais contratadas aumentou, mas ainda são muitos os motivos para elas serem preteridas na hortifruticultura. Para entender como o trabalho da mulher é visto nas cadeias-alvo do projeto **Hortifruti/Cepea** (banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, tomate e uva), foram entrevistados 120 proprietários(as) rurais desses produtos. De acordo com os entrevistados, o fato de a mulher ter menor força física do que o homem é o principal desestímulo para a contratação. Alguns proprietários rurais argumentam que as mulheres têm dificuldade para carregar sacos e caixas pesados e enfrentar condições extremas de temperatura. O que mais chama a atenção nos resultados da pesquisa, no entanto, é a “questão cultural” aparecer na terceira posição. Ainda hoje, muitos homens acreditam que a mulher tem a simples função de cuidar da casa e dos filhos. Declarações como essas foram registradas várias vezes pela equipe **Hortifruti/Cepea** e em diferentes regiões.

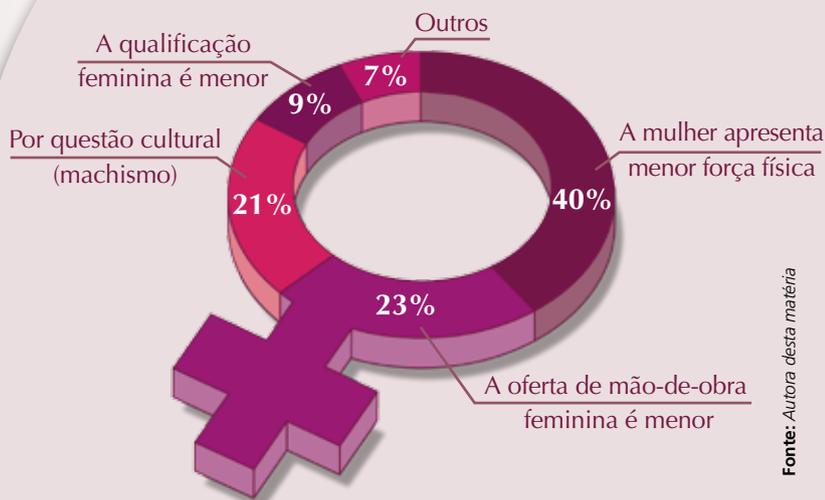
Cerca de 23% dos entrevistados atribuíram a menor contratação feminina à baixa oferta de mão-de-obra de mulheres. Esse resultado foi obtido principalmente entre os produtores cujas lavouras são próximas a centros urbanos, onde as mulheres preferem trabalhar em fábricas, indústrias, estabelecimentos comerciais ou até mesmo em serviços domésticos. Por isso, a procura das mulheres por trabalhos rurais nessas localidades é menor. A minoria dos proprietários rurais, cerca de 9%, argumentou que a menor qualificação da mulher para trabalhar na agricultura é que reduz a contratação.

Ao serem questionados de algum outro motivo para preferir a mulher na hora da contratação, a questão da maternidade foi a mais citada. Os entrevistados afirmaram que o gasto com a contratação de uma mulher é maior, visto que o proprietário precisa arcar com o custo de ter de substituí-la no caso de gravidez. Porém, um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT/ONU) – disponível em http://www.brasil.gov.br/noticias/ultimas_noticias/mulher_diasalario –, contraria esse raciocínio. De acordo com o levantamento, o custo do trabalho das mulheres nas empresas brasileiras relacionado à licença maternidade e ao cuidado do filho representa apenas 1,2% da remuneração bruta mensal em nosso País.

Outro fator também citado como impedimento para a contratação de mulheres foi a Norma Regulamentadora nº 31 (NR 31), do Trabalho Rural, na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Essa NR diz que

ELA "NÃO" TEM A FORÇA

Qual o motivo para não empregar um número maior de mulheres na produção?



Fonte: Autora desta matéria

as mulheres só podem exercer força muscular de até 20 kg em trabalho contínuo – o mesmo vale para homens entre 16 e 18 anos. Por essa mesma Norma, as gestantes não podem trabalhar ou entrar em contato com produtos químicos. Quanto a este aspecto, os entrevistados foram unânimes em afirmar que são sempre os homens que exercem a aplicação de insumos no trato cultural, independente de uma funcionária estar grávida. Outra área em que há predominância de homens é no uso de máquinas e tratores, sobretudo por tradição familiar, visto que esse serviço muitas vezes é passado de pai para filho, segundo declaração dos entrevistados. Por conta da mecanização da agricultura, há a diminuição de vagas para as mulheres. Um exemplo é o beneficiamento de cebola no Sul. O emprego das máquinas nesse processo resultou na demissão das mulheres, já que essa atividade, quando manual, era dominada por elas.

Há culturas/propriedades em que a produção é realizada por meeiros e onde a mão-de-obra utilizada é praticamente familiar, contratando funcionários apenas em período de pico de colheita. Nesses casos, o trabalho feminino (esposas e filhas) é visto como “ajuda”, pois o trabalho na roça não é encarado pelas próprias mulheres como sua principal atividade. Apesar de o sistema integrar a família toda na produção, o trabalho das mulheres é visto como informal e de curto prazo.

A reprodução desta Matéria de Capa só será permitida com a autorização dos editores.

“MULHER É MAIS RÁPIDA, TEM MAIS HABILIDADE MANUAL. NO TRABALHO QUE EXIGE MAIS ATENÇÃO, ELAS SÃO MELHORES”

A pesquisa realizada para esta matéria apontou muitas justificativas para a não contratação de mulher nas propriedades rurais. Contudo, também foi significativo o número de produtores que ressaltaram as qualidades das trabalhadoras. Muitas das vantagens são referentes à disciplina delas com o trabalho. Vários entrevistados disseram que as mulheres chegam menos atrasadas, faltam menos e não consomem bebidas alcoólicas. Essas afirmativas indicam a responsabilidade da trabalhadora rural. Cuidar de um filho doente, por exemplo, seria uma justificativa para a mulher se ausentar do serviço. Mas as mulheres faltam menos que os homens. O alcoolismo é um problema freqüente na zona rural e prejudica o rendimento do homem em suas tarefas agrícolas, mas raramente há mulheres nesta situação.

As atividades que mais empregam mão-de-obra feminina são o beneficiamento, seleção, classificação e embalagem do produto, geralmente realizadas em ambiente climatizado. A mulher se adapta melhor e rende muito mais que os homens nessas tarefas, como afirma quase a totalidade dos entrevistados. Nessas etapas, quando o salário ou a diária é pago por rendimento, as mulheres acabam recebendo mais que os homens. Isso ocorre por elas apresentarem maior habilidade para a realização da classificação do produto. Nesses setores, a função do homem costuma ser a de carregar caixas até o veículo para o transporte.



Foto: Gilberto Tozzati

Dentre as atividades realizadas, outra em que a mulher se destaca é na propagação vegetal. Segundo entrevistados, as mulheres são mais delicadas e realizam um trabalho mais minucioso na enxertia e na produção de mudas. As atividades em viveiros também são realizadas com sucesso por elas.

Nos tratos culturais, como desbrota, desfolha, desbaste e eliminação de plantas daninhas, que são tarefas que exigem mais atenção do funcionário, os proprietários rurais declararam utilizar mais mão-de-obra feminina, por considerarem as mulheres mais criteriosas, observadoras e delicadas. No cultivo de cana-de-açúcar, como citado na dissertação de Patrícia Ávila da Costa (“Janela das Andorinhas: A Experiência da Fertilidade em uma Comunidade Rural”, publicado pela PUC-RJ, em 2007), o trabalho das mulheres é no reconhecimento de doenças, classificação e recuperação da planta. De acordo o relato de vários técnicos ouvidos pela pesquisadora, os homens só são capazes de reconhecer um tipo de doença, enquanto as mulheres reconhecem todas.

Na colheita, o serviço é realizado pelos dois gêneros e, em certas culturas, a empregabilidade das mulheres é maior, devido elas apresentarem melhor rendimento que os homens. Os entrevistados também foram questionados quanto à participação das mulheres em cargos de gerência. Os resultados demonstraram que esta é uma das etapas que menos emprega mulher. Isso poderia ser diferente, visto que as mulheres brasileiras têm escolaridade superior à dos homens, o que poderia ser um indicativo de maior qualificação para cargos administrativos.

Segundo dados da PNAD/IBGE de 2006, a porcentagem de mulheres com 11 anos ou mais de estudos, na população em geral, é cerca de 23% superior ao número de homens. A explicação para esse resultado é que, na maioria das propriedades, são os próprios donos que gerenciam e as esposas seriam “ajudantes” na administração. Nessa condição, apesar de ter papel importante, a maioria delas não recebe salário.

MÃO-DE-OBRA FEMININA AINDA PRECISA SER MAIS RECONHECIDA NO MEIO RURAL

Não se pode negar que o número de trabalhadoras rurais (empregadas) no setor hortifrutícola é significativo. Contudo, ainda não há a devida valorização do seu trabalho e a remuneração não está à altura do seu rendimento – superior ao do homem em determinadas atividades. Apesar de não ter sido alvo de análise do presente artigo, também há a questão das empreendedoras rurais. Faltam estudos e uma melhor avaliação sobre o potencial dessas profissionais.

Quanto à agricultura familiar, a pesquisadora Lígia Albuquerque de Melo conclui que a falta de reconhecimento nos programas governamentais e nos trabalhos da lavoura resulta em omissão da igualdade de relação social entre o homem produtor e a mulher produtora, negando a ela o direito de igual participação em programas de apoio.

Na questão empresarial, seria importante que a mulher (esposa ou filha) tivesse o seu trabalho reconhecido quando exercesse um papel de gerência da propriedade. Mesmo porque, no geral, o índice de escolaridade da mulher é maior que o do homem.

Mas a maior barreira que precisa ser quebrada é sem dúvida a cultural. É importante que o setor agrícola, como um todo, reconheça o papel feminino, suas qualidades e aptidões para a área rural, bem como suas limitações. Fazer parte do gênero feminino não pode ser um fator excluyente na fila de emprego no meio rural. No entanto, em pleno ano 2008, é inadmissível a não contratação de uma mulher, seja como funcionária ou como sucessora na atividade empresarial, apenas por causa do sexo. Debater esse tema e

lutar por melhoras neste momento da história da humanidade não é questão de feminismo, mas, sim, de civilidade. ■

“As mulheres estão conquistando espaço em outros setores, pode ser que consigam invadir esse também. O problema é a questão cultural. O pessoal não está acostumado com isso”

lutar por melhoras neste momento da história da humanidade não é questão de feminismo, mas, sim, de civilidade. ■

OS MELHORES LEITORES - 24 MIL LEITORES*

Perfil do Leitor em 2008 (estimativa):

Produtores e comerciantes do setor FLV de média a alta tecnologia
Produtos-alvo: banana, batata, cebola, citros, maçã, mamão, manga, melão e mamão

Investimento médio anual nas lavouras de **R\$ 15 mil** por hectare/ano

Total cultivado anualmente pelo grupo de produtores (região de cobertura) que colaboram com a Hortifruti Brasil: **325 mil hectares**

Total investido por esses produtores: **R\$ 5 bilhões**

* 3 leitores/exemplar

**ANUNCIE
NA HORTIFRUTI BRASIL**

Mais informações:
hfbrazil@esalq.usp.br
19 3429.8808

Menor oferta garante preços elevados no Sul

A cebola sulista deve continuar valorizada em fevereiro, visto que o Sul será a única região com produto disponível no País neste mês. A temporada 2007/08 de bulbo do Sul, que iniciou em novembro, tem registrado preços elevados, ao contrário da safra 2006/07. Segundo produtores locais, a valorização deve-se a três fatores: redução de 5% na área de plantio desta temporada em relação à anterior; queda de produtividade em torno de 28%, por conta de adversidades climáticas durante o desenvolvimento do bulbo; e ausência de cebola nordestina no mercado, devido ao término antecipado da safra. Em janeiro, a cebola foi comercializada nas roças sulistas a R\$ 0,85/kg, em média, alta de 34,7% sobre o mesmo período de 2006, quando a cebola foi vendida a R\$ 0,19/kg.

Avança colheita sulista

A safra de cebola no Sul continua acelerada. No Rio Grande do Sul, segundo produtores, restam 40% da produção para ser comercializada, em Santa Catarina, 45% e no Paraná, apenas 30%. Com a redução gradativa do volume comercializado pelo Sul, a oferta de cebola no mercado interno deve aumentar somente em meados de março, com a entrada do bulbo argentino. Com isso, o valor da cebola no País deve ser pressionado.

Entrada de cebola argentina no Brasil deve atrasar

Segundo comerciantes da fronteira do Brasil com a Argentina, as importações brasileiras do bulbo daquele país neste ano só devem iniciar na segunda quinzena de março. Em 2007, a compra de bulbo argentino começou em fevereiro, contudo, a cebola daquele país começou a ser comercializada no atacado de São Paulo (SP) na primeira semana de março. O atraso de duas semanas para as importações, em relação ao ano passado, é decorrente do adiamento da colheita na Argentina, por conta de adversidades climáticas, que também causaram queda de produtividade. Apesar disso, a oferta naquele país deve ser suficiente para atender ao mercado local e também ao brasileiro. Segundo colaboradores do projeto **Hortifruti/Cepea** que atuam na fronteira, a área de cultivo do bulbo na Argentina para a safra deste ano aumentou cerca de 15% em relação à de 2007.

Nordeste mantém área

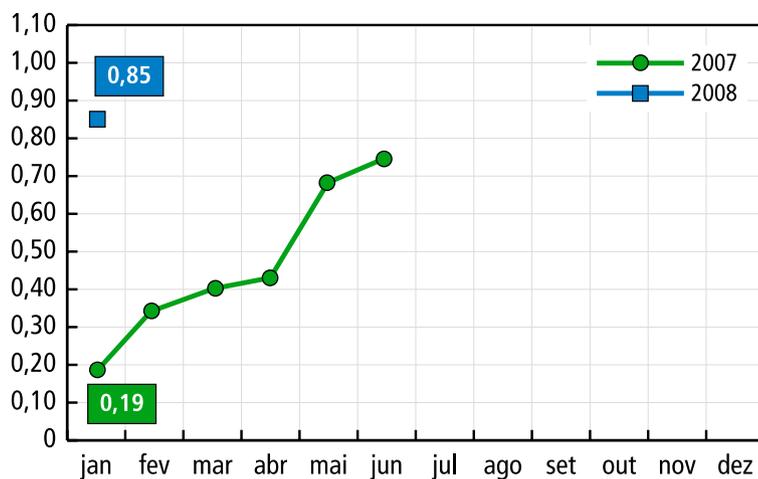
Segundo produtores e comerciantes nordestinos, a área de plantio do primeiro semestre de 2008 na região deve ser semelhante à do mesmo período de 2007, apesar dos altos preços registrados na última temporada. De maio a dezembro, o bulbo foi comercializado a R\$ 0,40/kg, em média, valor 42% superior ao mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura. O motivo para a não ampliação da área é a falta de chuva, que dificulta as atividades de manejo de solo. Caso as precipitações continuem escassas em fevereiro, produtores podem plantar menos do que em 2006, tanto em Irecê (BA) quanto no Vale do São Francisco.

Produtores de Minas Gerais, Cristalina e Brasília não reduzem área

Apesar dos bons preços registrados na safra 2007 de cebola em Minas Gerais, Cristalina (GO) e Brasília (DF), a expectativa de produtores tradicionais dessas regiões é de manutenção da área na temporada 2008. A explicação é que ainda há dívidas da safra 2006 para serem quitadas. Contudo, produtores "aventureiros", que se animaram com os bons preços da safra passada e esperam a manutenção dos altos valores neste ano, devem entrar no mercado. Alguns comerciantes de sementes já informaram que houve aumento na procura. O início da colheita nessas praças deve ocorrer em junho, mesmo período do ano anterior.



Bons preços na safra sulista



Valorização expressiva da safra sulista

Preços médios recebidos por produtores sulistas pela cebola crioula - R\$/kg

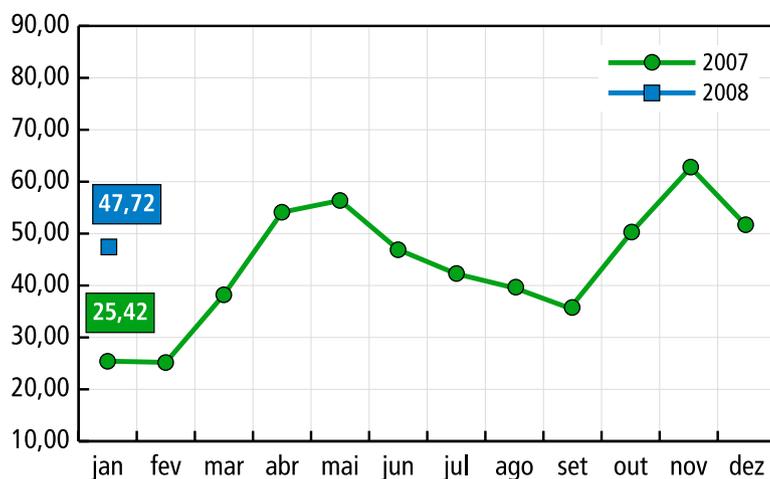
Fonte: Cepea

Oferta aumenta após carnaval

A colheita de batata da safra das águas deverá intensificar após a semana do carnaval, elevando significativamente a oferta nos atacados do Sudeste. Segundo produtores, o maior volume é previsto para a segunda quinzena de fevereiro. O incremento na oferta nesse período é resultado do atraso no desenvolvimento de algumas lavouras do Sul de Minas Gerais e de Guarapuava (PR), entre setembro e outubro, por conta do clima seco. A intensificação da colheita em Água Doce (SC) e em Bom Jesus (RS) aliada ao início da safra no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG) também contribuirão para o aumento na oferta. Segundo produtores, a área a ser colhida em fevereiro deve superar em aproximadamente 13% à do mesmo período de 2007. Contudo, a produtividade média neste mês deve ser 10% inferior à da safra 2006/07, devido também ao clima seco durante o desenvolvimento das roças.

Bom Jesus intensifica colheita

Bom Jesus (RS) colherá mais batata em fevereiro. Produtores gaúchos estimam que sejam colhidos, neste mês, cerca de 1,7 mil hectares na região, que abrange também as cidades de São Francisco de Paula e São José dos Ausentes. O pico de safra é previsto para março, com a colheita devendo seguir até meados de maio. A área total de Bom Jesus é estimada em 6,8 mil hectares, 3% inferior à cultivada na temporada passada.



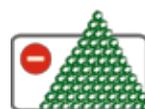
Menor oferta valoriza batata

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca

Segue plantio das secas

O plantio da safra das secas, iniciado em janeiro, deve aumentar em fevereiro. As principais regiões que cultivam neste mês são o Sul de Minas Gerais, Ibiraiaras (RS), Sudoeste Paulista e praças do Paraná (Curitiba, São Mateus do Sul, Ponta Grossa e Irati). Juntas, essas regiões deverão plantar aproximadamente 10,6 mil hectares de batata em fevereiro. Esse volume corresponde a cerca de 60% do total estimado para a safra dessas regiões. A expectativa é que os investimentos em área nessas regiões cresçam em torno de 5% em relação à safra 2007.



Água Doce inicia safra

Produtores de Água Doce (SC) iniciaram a colheita da safra 2007/08 em janeiro. A área colhida naquele mês foi de aproximadamente 300 hectares. Para fevereiro, a estimativa de colheita é de 600 ha. A atividade na região ainda é lenta e deve aumentar somente em meados de março. Segundo atacadistas, a batata de Água Doce tem conseguido destaque no mercado devido à sua boa qualidade.



Clima favorece plantio no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

O cultivo de batata da safra das águas 2007/08 do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG) ocorreu normalmente. O baixo volume de chuva entre dezembro e início de janeiro favoreceu o plantio dos tubérculos na região, ao contrário do ocorrido na safra 2006/07, quando as chuvas atrasaram as atividades em cerca de um mês. Segundo produtores, houve déficit de chuva na região em dezembro de 2007, mas o aumento considerável de precipitações a partir da segunda quinzena de janeiro favoreceu o desenvolvimento das lavouras. Agentes locais acreditam que a área total cultivada no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba seja 10% inferior à registrada na temporada 2006/07.

Baixo volume impulsiona preço em janeiro

Em janeiro, a batata especial tipo ágata comercializada no atacado de São Paulo (SP) valorizou sobre o mesmo período de 2007. A alta do preço é resultado da menor oferta no atacado, decorrente da redução da área cultivada na safra 2007/08. Em comparação com dezembro de 2007, praticamente não houve alteração do preço

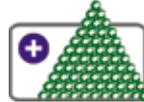
Lavouras de verão entram em pico de safra

A oferta de tomate deve ser elevada em fevereiro, por conta do pico de safra das lavouras de verão. A expectativa de produtores é que mais de 500 mil caixas de 23 kg do fruto sejam colhidas neste mês nas regiões de Caçador (SC), Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Nova Friburgo (RJ) e Chapada Diamantina (BA). Esse volume é 13% superior ao comercializado no mesmo período de 2007, segundo levantamentos do projeto **Hortifruti/Cepea**. O aumento da oferta é resultado da ampliação de aproximadamente 11% da área total cultivada nessas praças. Caçador será a principal abastecedora de São Paulo (SP) em fevereiro. De acordo com produtores locais, cerca de 40% dos 13 milhões de pés previstos para serem cultivados na região deverão ser colhidos neste mês.

Baixa produtividade em Caçador e Itapeva

O clima quente e úmido registrado em Caçador (SC) e em Itapeva (SP) entre dezembro de 2007 e janeiro de 2008 causou problemas fitossanitários nas lavouras, reduzindo a produtividade dos pés e o tamanho do fruto. Em Caçador, foram verificados bacteriose e *Verticillium* e, em Itapeva, cancro. Por conta dos problemas fitossanitários, a produtividade dessas praças caiu de 10% a 15%. As lavouras que serão colhidas em fevereiro, pico de safra das duas regiões, foram menos afetadas. A expectativa é que produ-

res colham em média 300 cx/mil pés em Caçador e pouco mais de 250 cx/mil pés em Itapeva, caso a quantidade de chuva reduza. Nas demais regiões da safra de verão, não houve queda de produtividade.



Concentração de oferta deve derrubar preço

O aumento do volume de tomate em fevereiro, por conta do pico de safra das lavouras de verão, deve desvalorizar o fruto no período. Em janeiro, o tomate salada AA longa vida foi comercializado no atacado de São Paulo (SP) em janeiro a R\$ 23,29/cx de 23 kg, em média, queda de 33,36% sobre o mesmo período de 2007. Com relação a dezembro do último ano, o tomate valorizou cerca de 40%, uma vez que as lavouras de verão ainda estavam em início de colheita e a produtividade de algumas roças havia sido prejudicada por problemas fitossanitários. Além disso, as temperaturas mais amenas controlaram o desenvolvimento dos frutos neste mês.

Semeio da primeira parte da safra de inverno encerra em fevereiro

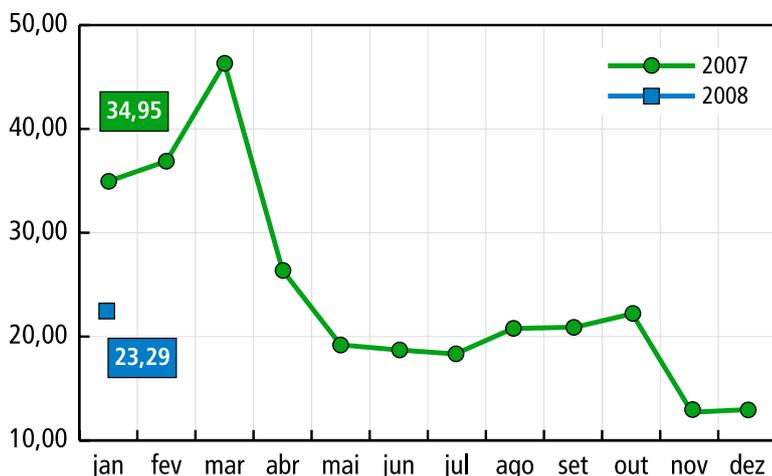
Produtores de tomate de Sumaré (SP) e de Mogi Guaçu (SP) finalizarão, em fevereiro, o semeio da primeira parte da safra de inverno, cuja colheita vai de abril a julho. Cerca de 80% das mudas foram formadas em janeiro e os 20% restantes serão formados neste mês. Já em Araguari (MG) e no Sul de Minas Gerais, ainda restará uma pequena porcentagem de mudas para ser semeada em março. A área de plantio deve ser semelhante à de 2007, segundo produtores. Porém, a quantidade de mudas nos viveiros da região ainda é menor que a da safra passada. Caso o preço do tomate continue baixo, pode até haver uma pequena redução na área de inverno.

Mudas já foram transplantadas no norte do Paraná e em Reserva

O transplante das mudas da primeira parte da safra de inverno do norte do Paraná e de Reserva (PR), que vai de abril a julho, será encerrado em fevereiro. Quanto à colheita, a previsão é que as atividades comecem no final de março. Segundo produtores, devem ser plantados 5,6 milhões de pés de tomate, redução de 5% na área total. O município de Marilândia do Sul (PR) deve ser o responsável pela redução da área, por conta da descapitalização de produtores na safra passada. Os demais municípios paranaenses deverão manter a área de cultivo.



Safra de verão a pleno vapor

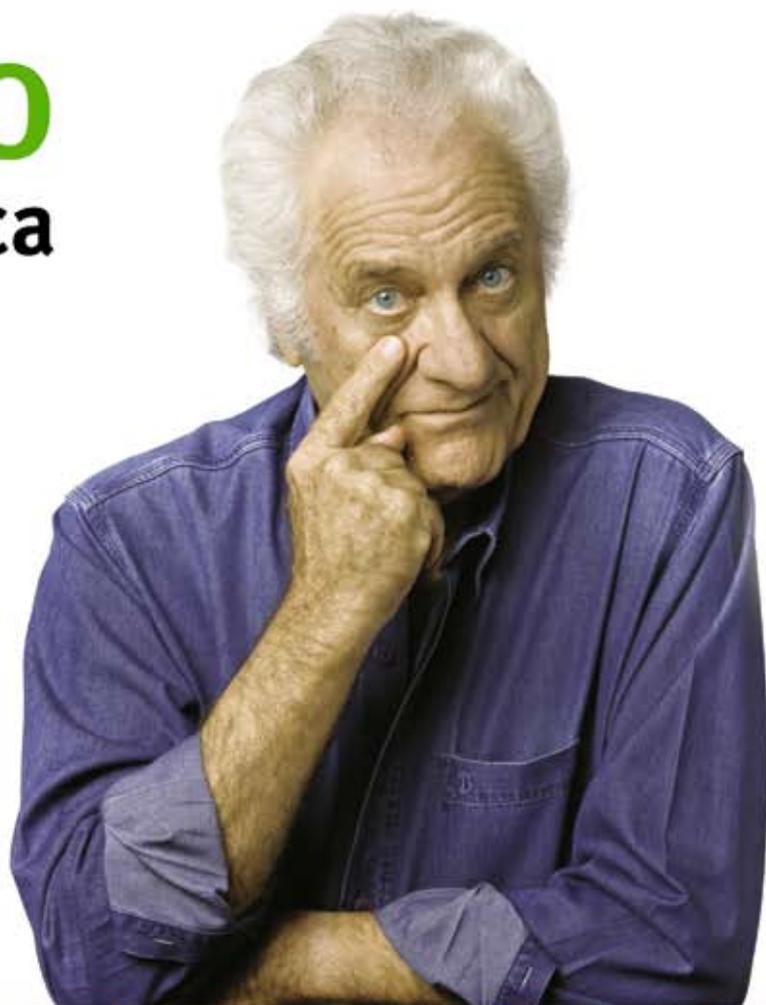


Preços reagem no início de 2008

Preços médios de venda do tomate salada AA longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea

OLHO VIVO na mosca-branca



CONNECT o·b·e·r·o·n



“Êta, mundo velho. Cada hora é uma praga diferente para infemizar a sua vida! Pelo jeito, a mosca-branca pousou de vez na cultura do tomate, quebrando a safra e o seu bolso. Por isso, meu amigo, **Olho Vivo** na **Solução Inovadora da Bayer CropScience** que, com Oberon e Connect, controla a mosca-branca em todas as fases – ovo, ninfa e adulto –, quebrando o ciclo de desenvolvimento e protegendo o seu lucro.”

Quebre o ciclo e proteja o seu **lucro** com a Bayer CropScience.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom.

Mais havaí em fevereiro

A oferta de mamão havaí deve aumentar a partir da segunda quinzena de fevereiro, por conta do início da produção das roças novas no Espírito Santo. Em janeiro, o volume disponível da fruta esteve restrito, pois o clima quente e seco registrado em meados de outubro de 2007 causou o abortamento das flores. Além disso, havia um grande número de roças em final de produção no último mês. Por conta da menor oferta, o mamão havaí tipo 12-18 foi comercializado nas lavouras do Espírito Santo a R\$ 0,63/kg em janeiro, alta de 57,5% sobre dezembro de 2007. Em comparação com janeiro do último ano, a alta foi ainda maior, de 142%, devido à melhor qualidade da fruta em 2008. No sul da Bahia, a fruta foi vendida em janeiro a R\$ 0,63/kg, em média, e no oeste da Bahia, a R\$ 0,78/kg, valores cerca de 67,4% e 100%, respectivamente, superiores aos praticados em dezembro de 2007.

Volume de formosa também cresce

Segundo produtores de mamão formosa, a oferta da variedade também deve aumentar no final de fevereiro, com o início da produção das roças novas nos estados do Espírito Santo e da Bahia. Em janeiro, mesmo com a baixa oferta do formosa e a boa qualidade, a redução nas vendas desvalorizou a fruta. No Espírito Santo, a variedade foi comercializada a R\$ 0,27/kg, na média de janeiro, no sul da Bahia, a R\$ 0,29/kg. Esses valores são 10% e 93%, respectivamente, infe-

riores aos praticados em dezembro de 2007. No oeste da Bahia, por outro lado, a fruta valorizou cerca de 20%, sendo comercializada a R\$ 0,41/kg em janeiro. Em todas as regiões, o preço da fruta ficou acima do mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura, que, segundo produtores, é de R\$ 0,22/kg.

Chuvvas em Linhares dificultam escoamento de mamão

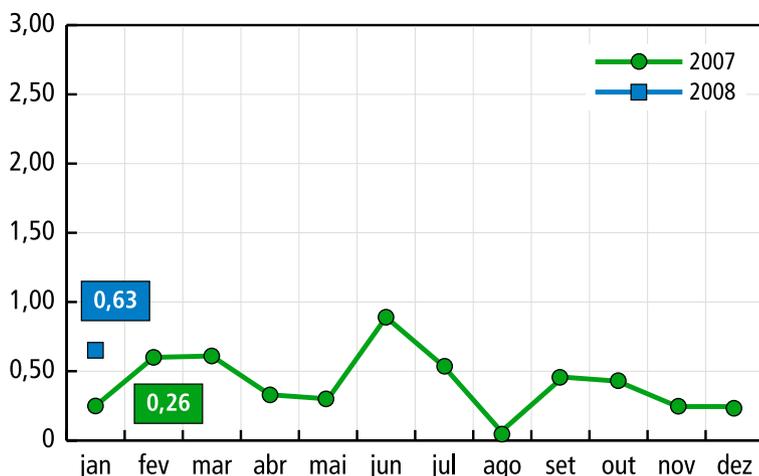
As fortes chuvvas registradas em Linhares (ES) na segunda semana de janeiro danificaram a BR-101, rodovia muito utilizada no escoamento de mamão dos estados da Bahia e do Espírito Santo para os mercados do Sudeste e do Sul do País. Além da BR-101, algumas barragens, muitas vezes utilizadas para a irrigação das lavouras, também foram seriamente danificadas. Por conta das adversidades, o escoamento da fruta foi prejudicado neste período. O preço do mamão, no entanto, não aumentou mais que o esperado, pois foram utilizados desvios para entregar a fruta disponível no período.

Reduz volume de mamão exportado

De acordo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume total de mamão exportado em 2007 foi 2% inferior ao embarcado em 2006. Os principais entraves à exportação no último ano foram oferta reduzida e, principalmente, falta de frutos com qualidade suficiente para atender às exigências dos Estados Unidos e da Europa. A inclusão dos Estados Unidos como importador da fruta do sul da Bahia em 2007 resultou em aumento de 3% no volume embarcado àquele país em relação a 2006. Em contrapartida, o envio para a União Européia diminuiu cerca de 19%. Em dezembro do ano passado e janeiro de 2008, a situação não foi diferente. Além do clima frio nos países consumidores, que resultou em redução na demanda, a menor oferta e a presença de frutos com calibre pequeno limitaram o volume embarcado da fruta. Exportadores brasileiros acreditam que a situação permaneça inalterada em fevereiro e que os envios só voltem a aumentar em março, quando termina a estação de inverno nos Estados Unidos e na Europa. No porto de Atlanta, o mamão tipo solo variedade *red flesh* foi comercializado em média a US\$ 16,75/cx de 3,5 kg de 08 a 21 de janeiro, valor semelhante ao registrado de 25 de dezembro de 2007 a 07 de janeiro de 2008, segundo o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS - USDA).



Aumenta oferta de mamão



Baixa oferta em 2008 valoriza mamão havaí

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg



Fonte: Cêpeca

Vendas do fim-de-ano desanimam produtores

Produtores de melão do Rio Grande do Norte e do Vale do São Francisco não tiveram muito o que comemorar ao término de 2007. Ao contrário do que se esperava, as vendas de melão amarelo e nobre no mercado doméstico foram significativamente baixas para a época, quando o clima quente e as festas de fim-de-ano estimulam o consumo. Além disso, houve aumento na concorrência com as frutas da época, sobretudo as de caroço.



Dólar baixo reduz exportações para os Estados Unidos

As exportações de melão brasileiro para os Estados Unidos foram prejudicadas devido à baixa cotação do dólar durante o segundo semestre de 2007. Para compensar a desvalorização do dólar em relação ao Real, os contratos foram reajustados em 15%. Entretanto, o reajuste aumentou o valor da fruta brasileira, prejudicando sua competitividade. Conseqüentemente, o número de contratos foi significativamente reduzido em 2007. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foram embarcadas cerca de 204 toneladas de melão para os Estados Unidos entre setembro e dezembro do ano passado, quase 8 vezes menos que no mesmo período de 2006, quando as exportações chegaram a 1,5 mil t. Os contratos feitos com o Reino Unido e com o Canadá não foram

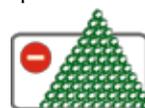
reduzidos, mantendo as vendas satisfatórias, segundo exportadores. Entre setembro e dezembro de 2007, foram embarcadas cerca de 50 mil t de melão para o Reino Unido, alta de 25% em relação ao mesmo período de 2006. Já para o Canadá, cerca de 676 t foram embarcadas dos portos brasileiros, sem variações em relação ao mesmo período de 2006.

Exportação de melão brasileiro aumenta

As exportações brasileiras de melão da safra 2007/08 aumentaram em relação às do mesmo período da temporada anterior. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foram embarcadas cerca de 150 mil toneladas da fruta entre agosto e dezembro de 2007, volume 30% superior ao exportado no mesmo período de 2006. De acordo com exportadores brasileiros, o bom desempenho das exportações é conseqüência da melhora da qualidade da fruta. Agentes esperam que os embarques para o bloco europeu ocorram até meados de março. O volume previsto para exportar, contudo, deve ser menor.

Temperatura controla mercado de melão na Europa

Em janeiro, a comercialização de melão na Europa oscilou de acordo com as temperaturas registradas. Segundo *traders* europeus, as baixas temperaturas no bloco prejudicaram a comercialização da fruta na primeira semana de janeiro. Já na segunda semana do mês, o clima mais quente estimulou as vendas. Segundo o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS - USDA), o melão brasileiro *honeydew* tipo 9 foi comercializado no porto de Roterdã, na Holanda, entre os dias 08 a 21 de janeiro, a US\$ 9,43/cx de 10 kg, em média, queda de 1,2% sobre a quinzena anterior (de 25/12/07 a 07/01/08).

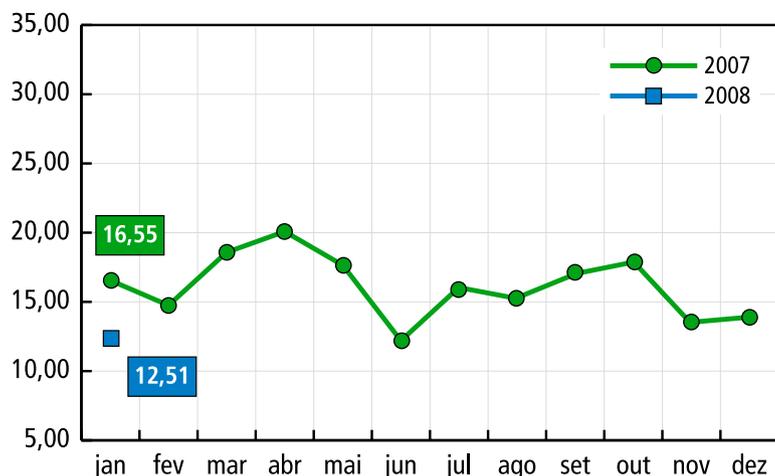


Redução de área no Vale do São Francisco

A área de plantio de melão em Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) em 2008 deve ser de 1,7 mil hectares, 15% inferior em relação à de 2007. Segundo produtores locais, a redução da área neste ano deve-se ao aumento no custo de produção. Além disso, muitos ficaram desanimados com o preço da fruta entre o final de 2007 e início de 2008. A expectativa é que a colheita da fruta inicie em meados de março.



2007 termina com cotações em baixa



Preço segue em baixa

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg

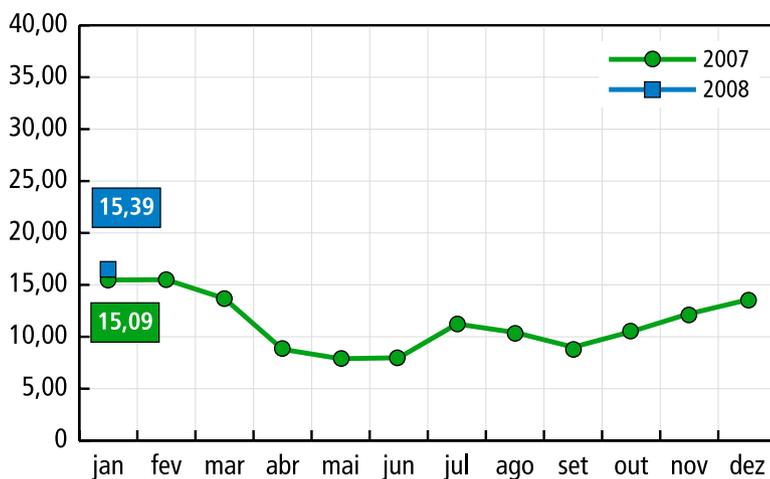
Fonte: Cepeca

Termina safra paulista

A maioria dos citricultores do estado de São Paulo encerrou a safra 2007/08 de laranja em janeiro, mas a colheita das variedades valência e natal está prevista para terminar em fevereiro. Com o final da safra na maioria das propriedades paulistas, parte dos contratos dos citricultores também encerrou. Dessa forma, muitos estão “livres” de compromissos com indústrias desde o início de 2008, aguardando propostas para fechar novos negócios. Alguns citricultores esperam que as negociações de contratos com a indústria aumentem a partir dos primeiros números oficiais da próxima safra paulista (2008/09). Muitos agentes especulam uma redução acima de 20% da safra paulista, fato que resultaria em um volume inferior a 300 milhões de caixas. Independente de esses números serem confirmados, a safra 2008/09, que será colhida a partir de maio, deverá ser menor que o potencial produtivo (360/370 milhões de caixas de 40,8 kg). A redução deve-se aos impactos do déficit hídrico no período de florada entre agosto e outubro de 2007. Em função desse cenário, os preços ao produtor dependerão do tipo de negociação. Para aqueles que vendem apenas no mercado *spot* (sem contrato) ou ainda não fecharam novos negócios, a expectativa é que a indústria mantenha um preço atrativo para seguir com as atividades de moagem. O mesmo não deverá ocorrer para quem já possui contrato e depende de uma renegociação.



Produtores paulistas encerram safra 2007/08



Preço da pêra sobe com entressafra

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pêra, na árvore - R\$/cx de 40,8 kg

Fonte: Cepeca

Aumenta exportação para os Estados Unidos

As exportações brasileiras de suco de laranja, no segundo semestre de 2007, foram semelhantes às do mesmo período de 2006. Os embarques para os Estados, contudo, registraram incremento. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foram enviadas cerca de 130 toneladas de suco para o mercado norte-americano entre julho e dezembro de 2007, volume 27% superior ao do mesmo período de 2006. A Ásia também aumentou suas importações no segundo semestre do ano passado, mantendo a posição de terceiro maior comprador de suco de laranja brasileiro. O total embarcado para o continente foi de 69,3 toneladas no período, volume 4,1% superior ao de 2006. Para a União Européia, os embarques somaram 391,674 toneladas de julho a dezembro de 2007, contra as 412,614 toneladas enviadas em igual período de 2006, o que representa um recuo de 5,1%.

Flórida fica livre de geadas em janeiro

As especulações quanto à formação de geadas nos pomares da Flórida elevaram o preço do suco de laranja concentrado e congelado (FCOJ) para quase US\$ 2.200 por tonelada na bolsa de Nova York na primeira quinzena de janeiro, valor superior ao US\$ 1.900/t registrado em dezembro. Contudo, as geadas não ocorreram. Apesar de ainda ser inverno nos Estados Unidos, neste período diminuem as chances de geadas na Flórida. Em janeiro, as temperaturas estiveram acima da média em boa parte das regiões produtoras.

Aumenta oferta de tahiti

O volume de lima ácida tahiti disponível no mercado deve aumentar em fevereiro, com a intensificação da colheita. Em janeiro, o valor da fruta caiu, por conta da oferta elevada, aliada à baixa demanda. Além disso, algumas frutas apresentaram baixa qualidade. Uma das alternativas de produtores do norte do cinturão citrícola foi destinar parte de sua oferta de lima tahiti para a fabricação de suco. Na região de Matão (SP), a fruta foi entregue por R\$ 5,50/cx de 27 kg em janeiro. As exportações brasileiras de lima ácida tahiti *in natura* para a União Européia (maior consumidor da fruta nacional), por sua vez, estão aquecidas. Os preços da fruta para o exterior estão ligeiramente maiores que os valores internos, até R\$ 10,00/cx de 27 kg em janeiro segundo exportadores.

Prata bate recorde de preço

A banana prata registrou em janeiro o maior valor desde o início da coleta de dados do projeto **Hortifrut/Cepea** em 2002. A fruta foi vendida na lavoura à média de R\$ 22,26/cx de 20 kg no último mês, alta de 35% sobre o mesmo período de 2007. No Vale do Ribeira (SP), a variedade foi comercializada a R\$ 20,03/cx, em média, no norte mineiro, a R\$ 24,16/cx e em Bom Jesus da Lapa (BA), a R\$ 19,58/cx. A valorização da prata em janeiro foi resultado da restrição da oferta no período, devido à entressafra nacional da variedade. Segundo produtores, a expectativa é que a colheita da prata inicie em março.

Chuva provoca perdas no Vale do Ribeira

As fortes chuvas registradas no Vale do Ribeira (SP) em janeiro prejudicaram grande parte dos bananais. Em algumas lavouras de Cajati, por exemplo, os pés ficaram submergidos à altura dos cachos por até três dias, limitando as vendas no mercado *in natura*. Produtores, porém, destinaram a produção que ficou submersa à indústria, não acarretando grande prejuízo. O volume pluviométrico no Vale do Ribeira em janeiro bateu a média histórica para o mês. Das 10h de sábado (dia 12) às 10h de domingo (dia 13) foram registrados mais de 319 milímetros de chuva, segundo a Estação Meteorológica Automática do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Em Jacupiranga, a situação foi semelhante. Já em Miracatu e Sete Barras, os danos

foram mais amenos. Segundo produtores do Vale do Ribeira, a banana nanica foi a mais prejudicada, por ser geralmente mais cultivada em áreas de baixada. A prata não foi muito afetada, pois além de, normalmente, ser plantada em morros, estava em entressafra.

Oferta de nanica aumenta no Vale do Ribeira

O volume de banana nanica do Vale do Ribeira (SP) deve aumentar em fevereiro, pressionando o valor da fruta. Além disso, o carnaval pode reduzir as vendas no atacado, acumulando fruta nos boxes. Ao mesmo tempo, a expectativa de produtores é que a volta às aulas limite a queda de preços. Em janeiro, início da safra na região, a nanica foi comercializada na roça a R\$ 9,75/cx de 22 kg, em média, baixa de 20% se comparado com dezembro. Nas demais praças, não há previsão de oferta de nanica no mercado até março.

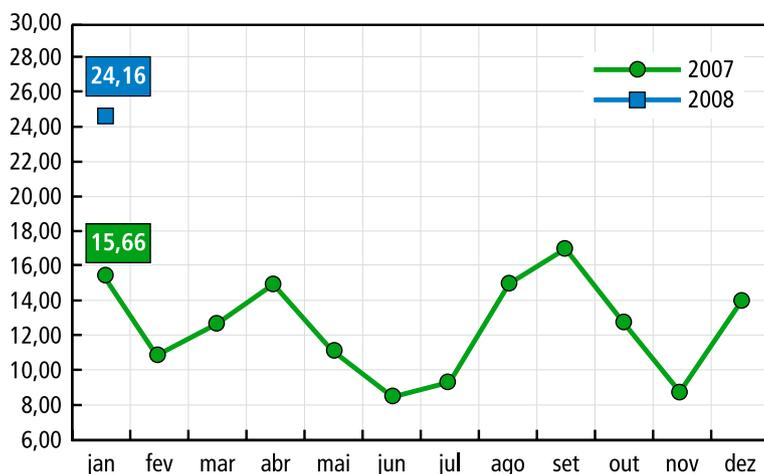
Aumenta receita com exportação

As exportações de banana brasileira para o Mercosul em 2007 foram semelhantes às de 2006. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume enviado no acumulado de 2007 caiu cerca de 1,40%. Já a receita no mesmo período aumentou mais de 25%. Segundo exportadores do norte de Santa Catarina, a valorização da fruta nacional no mercado externo deve-se ao fato de o Equador, concorrente do Brasil, ter direcionado a maior parte de sua produção para a Europa. A receita com as exportações de banana para o mercado europeu também aumentaram no último ano. De acordo com a Secex, houve aumento de 12,1% na receita com o envio de banana brasileira para a Europa – com saída do porto de Pecém (CE) – neste ano, em relação a 2006. Grande parte desse volume é produzida no Nordeste brasileiro, e a fruta atende às exigências do mercado europeu.

Sergipe é área livre de sigatoka negra

Em dezembro de 2007, o estado do Sergipe foi reconhecido como área livre de sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis*), após perícias de técnicos do Departamento de Sanidade Vegetal (DSV). Inspeções trimestrais serão realizadas a fim de comprovar a ausência do fungo. Agora, toda a produção de bananas e helicônias (plantas ornamentais da família da bananeira) do Sergipe pode ser enviada a qualquer região do Brasil perante apresentação do atestado de isenção da praga.

Baixa oferta valoriza banana prata



2008 começa com preço recorde

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea

Colheita de palmer intensifica em Monte Alto e Taquaritinga

A oferta de manga *palmer* de Monte Alto (SP) e Taquaritinga (SP) deve aumentar em fevereiro, com a intensificação da colheita. A safra da variedade iniciou em janeiro. Nesse mês, a fruta foi comercializada nas lavouras do interior paulista a R\$ 0,32/kg. Já a safra da manga *tommy atkins* de Monte Alto e Taquaritinga encerrou em janeiro. O preço médio da variedade na temporada 2007/08, de R\$ 0,36/kg, superou em 38% o da safra 2006/07. A alta do preço nas lavouras da região na última safra deve-se à redução de cerca de 4% na área de plantio. Além disso, a distribuição da oferta na temporada 2007/08 foi mais regular que a anterior, sem grandes picos de oferta.

Oferta de tommy deve aumentar a partir de março

A maioria dos produtores de manga de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) realizou induções florais em seus pomares de outubro a dezembro de 2007. Com isso, a oferta da *tommy atkins* deve aumentar a partir de março nessas regiões, com o início da colheita dos pomares induzidos. Segundo produtores, o volume da fruta disponível no primeiro semestre deve ser maior nos meses de maio e junho. Mangicultores que realizam as induções florais, ou mesmo reindicações, em fevereiro não devem ter problemas com a floração, pois a previsão é de temperaturas mais baixas e maior volume de chuvas neste mês, segundo o Centro

de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC/INPE). Caso essa previsão seja confirmada, haverá dificuldades apenas para os pomares em época de colheita. A oferta de manga no Vale do São Francisco foi restrita em janeiro e deverá continuar baixa em fevereiro. A demanda pela fruta, por outro lado, tende a aumentar após o carnaval. Em Livramento de Nossa Senhora (BA), o volume de manga é ainda menor que no Vale do São Francisco. Os frutos dos pomares da região encontram-se em desenvolvimento, e a oferta deverá aumentar a partir de março, quando muitos mangicultores iniciarão a colheita.

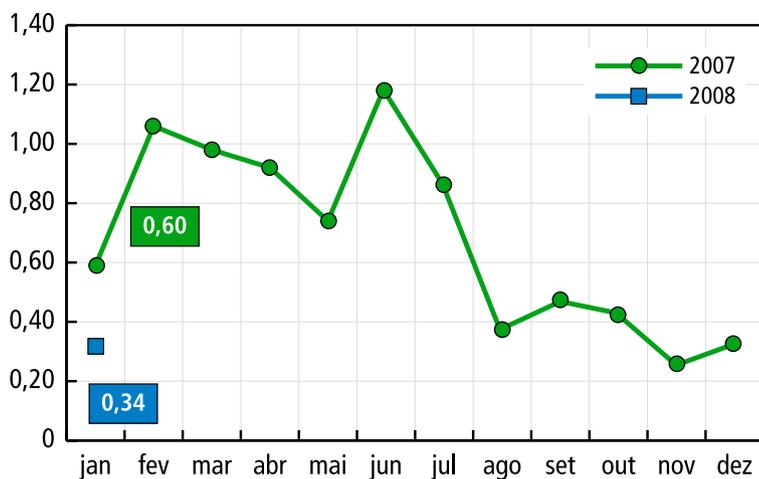


Diminui volume embarcado para a União Européia

Ao contrário do previsto, as exportações de manga brasileira para a União Européia em 2007 foram menores que as do ano anterior. No acumulado de janeiro a novembro de 2007, o volume embarcado foi 4,1% superior ao do mesmo período de 2006. Contudo, as exportações de dezembro cairam 34,5% em comparação com 2006, causando o fechamento negativo de 2007 (-0,86%). O menor volume embarcado deve-se à restrição na oferta de manga no Vale do São Francisco e em Livramento de Nossa Senhora (BA). Grande parte dos *packing houses* de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) estava sem processar manga desde dezembro de 2007, devido à baixa oferta na região. Com o aumento no volume da fruta neste mês, muitos exportadores brasileiros devem retomar os embarques ao mercado europeu. Assim, as exportações que permaneciam lentas até o final de janeiro devem aumentar a partir de fevereiro. Segundo exportadores, os preços da manga nos principais portos da Europa não estão muito atrativos desde dezembro, por conta do grande volume da fruta de outros mercados, como Equador e Peru. Esses países, além de ofertarem manga de excelente qualidade e terem um baixo custo de produção, obtiveram uma safra de *kent*, que acaba pressionando o valor de outras variedades, como o da *tommy atkins*. A expectativa é que o preço da fruta no mercado europeu continue baixo em fevereiro, pois Venezuela e Guatemala, que iniciaram os envios em meados de janeiro, deverão exportar volumes significativos da fruta neste mês. Apesar de todos esses entraves, a expectativa de exportadores do Vale do São Francisco é de aumento no volume de envios ao mercado europeu no primeiro semestre de 2008, em relação à mesma temporada de 2007. Isso, porém, dependerá da disponibilidade de fruta no período.



Mais palmer no interior paulista



Preços baixos em janeiro deste ano

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco pela *tommy* - R\$/kg

Fonte: Cepea

São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul intensificam colheita

Os parreirais de São Miguel Arcanjo (SP) e de Pilar do Sul (SP) entram em pico de safra em fevereiro. Ainda assim, a expectativa é que o preço seja superior ao registrado em fevereiro de 2007, quando a uva Itália foi comercializada a R\$ 1,66/kg nas lavouras paulistas. Segundo produtores locais, com o carnaval antecipado, a comercialização da fruta deve aumentar mais cedo em relação aos anos anteriores. Em janeiro, a uva estava ácida, o que prejudicou um pouco a comercialização e o preço da fruta. A expectativa de produtores de São Miguel Arcanjo e de Pilar do Sul é que a qualidade melhore em fevereiro, possibilitando o envio da fruta para o Rio Grande do Sul, um dos mercados mais exigentes do País. Apesar do grande volume de chuvas em janeiro, a qualidade das bagas não deve ser comprometida.

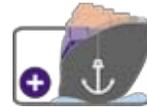


Pico de safra em lavouras paulistas

Pouca uva no Vale do São Francisco

Apesar de haver colheita de uva o ano todo em Petrolina (PE) e Juazeiro, as lavouras da região estarão no período considerado de entressafra em fevereiro. Assim, o volume continuará pequeno no Vale do São Francisco, suficiente apenas para abastecer o mercado interno. A oferta na região deve aumentar significativamente apenas em abril, quando há uma pequena janela de mercado na Europa. A produção de uvas nordestinas do primeiro semestre deve ser menor que a do mesmo período de 2007, pois gran-

de parte dos viticultores realizará as podas para a safra do segundo semestre, quando as condições climáticas são mais favoráveis à produção. Esse cenário deve ser registrado, sobretudo, para as uvas sem sementes (*festival*, *thompson* e *crimson*), que são mais sensíveis às chuvas. No caso da fruta com semente, 30% da área de produção deve ser podada para a colheita da primeira janela, de abril a junho.

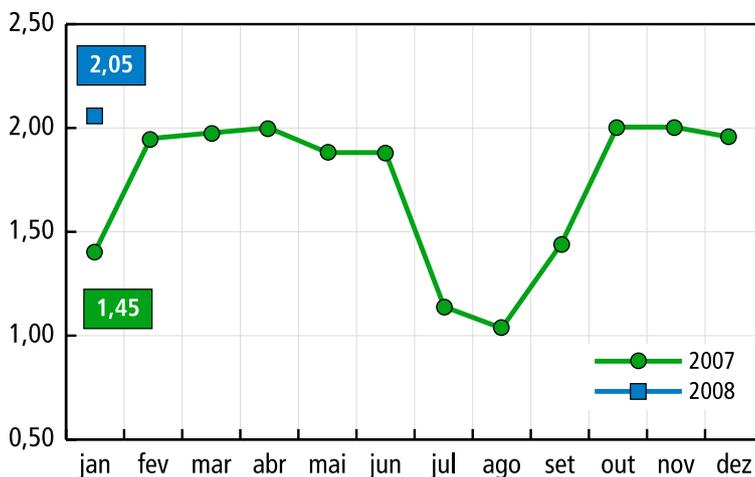


Volume exportado aumenta em 2007

As exportações brasileiras de uvas finas aumentaram significativamente no segundo semestre de 2007. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de julho a dezembro do último ano, foi embarcado um volume 40% superior ao do mesmo período de 2006. Do total enviado, que ultrapassa 75 mil toneladas, 80% foram destinados para a União Européia e 15%, para os Estados Unidos. O restante foi enviado, principalmente, para o Canadá, Rússia e Argentina. Em fevereiro de 2008, sobretudo, exportadores que comercializaram com valores consignados deverão receber os preços finais. No entanto, a expectativa não é otimista para as uvas "brancas" sem semente, principal cultivar comercializada com o mercado europeu. Em novembro, houve um grande volume da fruta na Europa. Além disso, a qualidade dessas variedades foi prejudicada por conta do longo período de armazenamento da uva. Já aqueles que comercializaram no mercado europeu em dezembro, sobretudo a *crimson* que registrou valor elevado, deverão receber um preço maior, devido à menor oferta no período, decorrente do atraso nos envios do Chile e da África do Sul.

Chile abastece mercado internacional no primeiro semestre

O Chile deve abastecer os principais mercados importadores de uva no primeiro semestre de 2008. As variedades mais produzidas pelo Chile são *thompson seedless*, *flame seedless* e *ribier*. Esse país também tem investido em diversificação, utilizando variedades como *red globe*, *superior seedless*, *crimson* e *autumn royal* tanto em novas áreas quanto na renovação de parreirais antigos. Os primeiros embarques de uva chilena para os Estados Unidos ocorreram em dezembro, principalmente com a *thompson*. Até meados de janeiro, o Chile havia exportado pouco mais de 50 mil toneladas para esse país, menos da metade do total enviado no mesmo período da temporada passada.



Baixa oferta valoriza uva

Preços médios recebidos por produtores nordestinos pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cépica



“A MULHER É CAPAZ DE SE DAR BEM EM QUALQUER SETOR, E POR QUE NÃO NA HORTIFRUTICULTURA?”

ENTREVISTA: Simone de Oliveira

Simone de Oliveira tem 32 anos, é engenheira agrônoma e trabalha há 10 anos junto com seu pai, Carlos Alberto de Oliveira Filho (Betão), na administração e gerência de fazendas e beneficiadoras de batata. De 2005 a 2007, presidiu a Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS).

Hortifruti Brasil: Quando você começou a trabalhar na agricultura?

Simone de Oliveira: Comecei a trabalhar com agricultura após o término da faculdade de agronomia. Minha maior influência e inspiração no trabalho sempre foram meu pai.

Hf Brasil: Você enfrenta algum preconceito por ser mulher?

Simone: Não, nunca enfrentei nenhuma espécie de preconceito. Já fui presidente da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS) e atualmente faço parte do conselho da entidade. As pessoas não se importam se estão lidando com um homem ou com uma mulher, basta que este tenha caráter e palavra.

“As pessoas não se importam se estão lidando com um homem ou com uma mulher, basta que este tenha caráter e palavra.”

Hf Brasil: Você pensa na sucessão familiar? É um desejo seu ficar à frente dos negócios da família?

Simone: Sim. Desde que me formei em 1997 trabalho com meu pai. A sucessão familiar acontece naturalmente em qualquer negócio. Tenho, sim, a intenção de preservar e expandir o patrimônio do meu pai, juntamente com meus irmãos. Somos em quatro, e eu sou a mais velha. Minha irmã Laura é uma veterinária excelente e extremamente dedicada. Meu irmão Betinho já está totalmente integrado na comercialização de batata, sendo responsável principalmente pela safra de Minas Gerais. O Fernando, meu irmão mais novo, atualmente cursa Administração e trabalha em São Paulo, mas com certeza trabalhará conosco. Não gosto de arriscar palpites, mas com um time desses e

um treinador como o meu pai, a vitória está quase lá. Nós trabalhamos como uma equipe e pretendemos ficar cada vez mais unidos. Meu pai é a pessoa que mais torce e nos apóia. Como empreendedor que é, ele já vem nos preparando para a sucessão.

Hf Brasil: Qual a sua opinião sobre a inserção da mulher na hortifruticultura?

Simone: Tenho certeza de que a mulher é capaz de se dar bem em qualquer setor, e por que não na hortifruticultura? Acho de extrema importância seu papel e espero que cresça ao longo dos anos.

Hf Brasil: Na empresa de vocês, há muitas mulheres empregadas?

Simone: Sim, temos mais mulheres na parte administrativa da fazenda, mas durante a safra também temos um número considerável trabalhando na colheita e no beneficiamento. No campo, elas trabalham na colheita da batata e, no barracão, na escolha da batata na máquina.

Hf Brasil: Na sua opinião, há alguma vantagem em utilizar mão-de-obra feminina?

Simone: Sim, as vantagens são inúmeras. As mulheres são mais comunicativas – o que diminui a margem de erro –, elas trabalham melhor em equipe, são mais organizadas e mais detalhistas. Acho que as mulheres já estão acostumadas a ter inúmeras tarefas nas suas vidas como cuidar da casa, dos filhos, do marido, fazer compras, cozinhar, lavar, passar, deixar a marmita dela e do marido pronta e acordar de madrugada para o início da jornada de trabalho. Por isso, quando elas estão no trabalho e usam toda a sua energia focada em uma única função, elas não se desconcentram e se superam.

Hf Brasil: Há diferença de salário entre homens e mulheres?

Simone: Como a remuneração é por produção, o salário é diferente entre os funcionários. Há muitas mulheres que produzem mais, portanto ganham mais que os homens.

Hf Brasil: *Você acredita que a mulher é valorizada em termos de reconhecimento e salário no meio rural?*

Simone: Falando do meio rural geral, acho que falta muito para a mulher ser reconhecida. O trabalho que ela está apta a exercer é sempre aquele que exige agilidade e atenção. Quando é necessário força ou experiência em máquinas, a sua atuação é quase nula.

Hf Brasil: *O que deve ser feito para que a mulher seja mais valorizada?*

Simone: Acredito que cursos técnicos através de entidades responsáveis poderiam ajudar muito, principalmente na parte de mecânica e na condução de tratores. Tenho certeza de que a mulher se sairia tão bem, ou melhor, que os homens.



“QUANDO O HOMEM E A MULHER REALIZAM A MESMA FUNÇÃO, A DIFERENÇA DE SALÁRIO DEPENDE DO RENDIMENTO”

ENTREVISTA: **Gilvanete dos Santos Reis de Souza**

Gilvanete dos Santos Reis de Souza tem 28 anos e trabalha como encarregada em um *packing house* de uva em Petrolina (PE)

Hortifruti Brasil: *Quando você começou a trabalhar na agricultura?*

Gilvanete dos Santos Reis de Souza: Eu comecei a trabalhar com uva em 2000. Comecei raleando e colhendo. Tem outras opções de trabalho para mulher aqui, mas cada um escolhe o que quer. Tem umas que querem trabalhar na sombra, mais no sossego. Aqui no *packing house*, eu comecei a trabalhar em março do ano passado como encarregada.

Hf Brasil: *Você enfrentou muita dificuldade para ser contratada?*

Gilvanete: Não tive nenhuma dificuldade, pois já tinha trabalhado antes. Eu já trabalhei no campo e em outros *packing houses*, mas não como encarregada. Como encarregada eu comecei neste que estou agora.

Hf Brasil: *Como é a divisão de trabalho entre homens e mulheres no *packing house*?*

Gilvanete: Aqui tem tanto mulher quanto homem, pois assim como precisa de mulher, também precisa de homem. Tem muitas funções aqui. No trabalho que eu faço, de encarregada, geralmente são mulheres. Aqui onde eu trabalho, antes de mim, duas mulheres já desempenharam essa função. Na parte de beneficiamento, as mulheres limpam, classificam, embalam.

Hf Brasil: *Na sua opinião, há muita diferença no desempenho da mulher e do homem?*

Gilvanete: Nessa parte de beneficiamento, tem mais mulher. A mulher é mais capaz para esse trabalho, é mais delicada. Mas se o homem for bem coordenado, ele consegue trabalhar igual no beneficiamento e às vezes até melhor do que a mulher.

Hf Brasil: *Há diferença de salário entre homem e mulher?*

Gilvanete: Cada um tem uma função, daí o pagamento é pela função. Também tem quem faz hora extra, trabalha mais dias. Quando o homem e a mulher realizam a mesma função, a diferença de salário depende do rendimento. Quem trabalha mais, colhe mais, faz o serviço mais rápido, ganha mais.

Hf Brasil: *Você acredita que a mulher ainda é discriminada no meio rural?*

Gilvanete: Já estive bastante. Antes as pessoas discriminavam a mulher do campo, sim. Mas hoje já tem muita mulher trabalhando nessa área. Antes as mulheres ganhavam menos do que os homens, mas hoje isso também é diferente. Na minha casa, por exemplo, eu ganho mais do que o meu esposo. Só acho que ainda falta um pouco de opção para trabalhar. Há muita gente sem trabalho na área rural. Aqui na região, o serviço é maior no período de exportação. Daí, quando não tem exportação, quase não tem trabalho.



“AS MULHERES DESEMPENHAM O TRABALHO ATÉ MELHOR QUE OS HOMENS”

ENTREVISTA: Shirlei Galli

Shirlei Galli tem 38 anos e é produtora de uva, acerola e café em uma área de 12,1 hectares em Dracena (SP).

Hortifruti Brasil: Quando você começou a trabalhar na agricultura?

Shirlei Galli: Eu nasci na terra, faz 30 anos que eu trabalho como produtora rural.

Hf Brasil: Por que você optou por ser produtora rural?

Shirlei: Os meus avós e os meus pais já trabalhavam nessa área. Quando eu era adolescente, eles falavam que era para eu ir estudar, mas nunca levei a sério. Eu fui criada na roça; daí, fiquei na roça. Mas eu gosto de trabalhar nisso.

“Antes, os homens iam nas palestras e elas ficavam em casa. Elas também têm que participar das associações, cursos e palestras.”

Hf Brasil: Quais as funções que você desempenha?

Shirlei: Eu trabalho com uva, acerola e café. Faço todo o serviço relacionado a essas culturas. Faço poda, colheita, enfim, tudo.

Hf Brasil: Para trabalhar na sua propriedade, você prefere mão-de-obra feminina ou masculina? Por quê?

Shirlei: O trabalho aqui é familiar, por isso não uso mão-de-obra de fora. Geralmente, são casais que trabalham na roça. Por isso é difícil só vir o homem trabalhar. Mas, sem dúvida, eu prefiro a mão-de-obra feminina.

Hf Brasil: Na sua opinião, há muita diferença no desempenho da mulher e do homem?

Shirlei: Nas culturas com as quais eu trabalho, tem diferença no desempenho da mulher e do homem. A

mulher desempenha melhor as funções. O serviço dela é mais delicado e caprichoso. Na cultura da uva, por exemplo, a mulher desempenha melhor o trabalho, porque é mais delicada. O homem realiza o trabalho mais pesado. No caso da acerola, a maioria também é mulher. Já na cafeicultura, é o homem que realiza a maioria dos serviços. Mas também tem mulher trabalhando com café.

Hf Brasil: Existe diferença de salário entre homens e mulheres?

Shirlei: Na minha propriedade não, de forma alguma. Seria uma discriminação pagar mais para os homens. Mesmo porque as mulheres desempenham o trabalho até melhor que os homens. Ela ganha igual.

Hf Brasil: Você sente alguma discriminação ou dificuldade por ser produtora rural?

Shirlei: No início eu senti muita discriminação, sim. Quando eu era jovem, na escola, me chamavam de “jacu” e outros nomes como esse. Antes, a função da mulher estava relacionada apenas a ter filhos e a cuidar da casa. Hoje não tem mais isso, mudou muito. Hoje os homens não trabalham mais sozinhos. Antes, as mulheres ficavam em segundo plano na agricultura; hoje, elas não ficam para trás. Hoje, todo mundo enxerga ela.

Hf Brasil: Na sua opinião, o que a mulher tem de fazer para conquistar mais espaço na agricultura e ser mais valorizada?

Shirlei: Eu acho que ela tem que se impor mais. Antes, os homens iam nas palestras e elas ficavam em casa. Elas também têm que participar das associações, cursos e palestras. Quando as mulheres, na minha região, começaram a participar disso, elas se sentiram valorizadas. Os homens se admiravam de ver as mulheres participando de tudo que estava se passando. Isso ajudou a valorizar a mulher na nossa região. ■

**Nova
Formulação!**

Dow AgroSciences

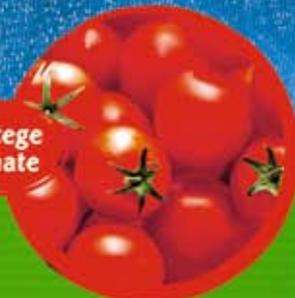


**Fique tranqüilo...
a chuva passa e Dithane* NT fica!**

Protege
Batata



Protege
Tomate



Protege
Uva



Dithane* NT

**continuará protegendo sua plantação,
mesmo depois da chuva!**

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.
Consulte sempre um engenheiro agrônomo.
Venda sob receituário agrônomo.



Dow AgroSciences
www.dowagrosciences.com.br

DuPont™ Curzate® BR

fungicida



Curzate® BR. A vacina da sua lavoura. Agora em embalagem que dissolve na água.

Comprovado: tudo que é bom pode ficar ainda melhor!
Curzate® BR em embalagem que dissolve na água é mais praticidade e economia, com o resultado e eficiência que você já conhece e confia.

- Alta eficácia na prevenção – ativa as defesas naturais da planta
- Dois ativos conjugados: Cimoxamil e Mancozeb – modos de ação diferentes
- Ação sistêmica local, com alto poder de penetração na folha
- Ação antiesporulante – evita o desenvolvimento e disseminação de doenças
- Mais praticidade: basta colocar o saco solúvel na água e realizar a pré-mistura
- Mais economia: maior aproveitamento do produto, sem desperdício



Os milagres da ciência

© Copyright 2007, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.



www.ag.dupont.com.br

ANUNCIE NA HORTIFRUTI BRASIL



▷ CONTEÚDO EXCLUSIVO

Conteúdo de altíssima qualidade produzido por pesquisadores do Cepea/Esalq exclusivamente para a **Hortifruti Brasil**;

▷ OS MELHORES LEITORES

Os maiores produtores e exportadores de frutas e hortaliças do País planejam seus negócios com base em informações da **Hortifruti Brasil**;

▷ DISTRIBUIÇÃO NACIONAL E GRATUITA

Cerca de 90 mil exemplares distribuídos gratuitamente em todo o Brasil em 2007;

▷ DIVULGAÇÃO ON-LINE

Atualização em tempo real da publicação no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil;

▷ MÍDIA KIT

Lance o seu produto na **Hortifruti Brasil** e ganhe o material publicitário (catálogos);

▷ PROPAGANDAS DIFERENCIADAS:

A **Hortifruti Brasil** possui um portfólio completo de formatos diferenciados para dar mais destaque à sua propaganda.

Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises que divulgamos.

Anunciantes, reservem seu espaço
Contato: hfbrasil@esalq.usp.br
19 3429.8808

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Caixa Postal 329 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil